

claustrO

Espaço de diálogo, reflexão e espiritualidade

IV

Claustro é aquele lugar que, no convento e no mosteiro, faz a mediação entre o exterior e o interior, ou permite que do interior se penetre ainda mais no mais interior da casa; dá também para quatro dedos de conversa e para vislumbres de céu.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© EDIÇÕES CARMELO
Convento de Avesadas
Apartado 141
4634-909 Marco de Canaveses – PORTUGAL
Tel.: +351 255 531 354
editorial@carmelo.pt
www.carmelo.pt

1.^a edição: novembro de 2025

COLEÇÃO: Claustro – 4

DESIGN E PAGINAÇÃO: Delfim Machado

ASSISTÊNCIA À EDIÇÃO: Frei João Costa

IMPRESSÃO • ACABAMENTO

Graficamares, Lda.

DEPÓSITO LEGAL n.º

ISBN 978-972-640-236-7

APRESENTAÇÃO



JOÃO COSTA

A interioridade, o meu país

Chamar as coisas, dar-lhes um nome – que mistério!

Para nós óbvio é que a cor amarela não se chame verde, a azul não se nomeie castanho, a encarnada não se diga grená. Não sei quem pela primeira vez lhes deu o nome, mas quem o fez, acertou. E o negro é mesmo negro, que se o não é inteiramente, então começa aí o degradé dos cinzas.

Chamar as coisas com acerto tem algo de divino.

Este livro chama-se *O Centro do Claustro*.

É o quarto da série.

Explicarei. O leitor dirá se com acerto.

Lembro-me de minha mãe ser forte, de braços fortes, de mãos grandes como paraquedas, grandes como açafates cheios, abundantes, a transbordar, como celeiros jubilosos. Lembro-me dela a amassar pão e de a ver com a mão em cutelo traçando-lhe uma cruz no lombo. Lembro-me de a ver cobrir a massa com uma toalha de linho para que levedasse. E entrementes o pão crescia. E crescia. E nós crescíamos com ele!

Ainda hoje gosto de pão, mesmo que não traga a cruz.

No itinerário da semente desde que cai à terra e que da espiga chegue à boca dos meninos há um longo rosário de mistérios. Um rosário, sim. Mas quem inteiramente os saberá dizer?

Falarei, por isso, do forno.

Na cozinha de nossa velha casa, tal como nas vizinhas, nenhuma longe de tudo e todas perto de Deus, nele se cozia o pão à sexta e, no domingo, se assavam carnes! Falarei do que sei sobre a cozedura do pão. Porque esse é o meu país.

As coisas, em resumo, passavam-se assim: lêvedo o pão, aquecia-se o forno com chamiços secos de videira. Não havendo mais esses, era com carqueja, pelo que em casa o pão ou tinha mais sabor a vide ou mais a carqueja bravia. Estando o forno no ponto – respeitarão que eu não saiba dizer qual fora... – a mãe dividia a massa a olho, fazia broas todas do mesmo tamanho, ou quase, e depois, com uma pá de madeira, depositava-as no chão varrido e quente do forno – tinha a sua técnica, diga-se já, e exigia destreza certa. Com as aparas e os restos da massa do fundo da gamela fazia duas ou três bolas, digamos, achatadas, que recobria ou de sardinhas ou de carne de porco e as punha a cozer à boca do forno. E tapava o forno religiosamente. Depois a porta de madeira era selada com barro fresco, para que nenhuma grama de calor se perdesse.

O pão cozia durante um tempo, mas isso foi há tanto tempo que não sei jamais quanto durava o tempo de cozer o pão. Sei que entrementes, cirandasse por onde cirandasse – parada é que não ficava – minha mãe rezava o terço. Talvez para que crescêssemos sãos como o pão que do forno haveria de sair cozido e fresco.

Como veem, é pouco o que sei.

Evitando efabular rebusco o baú da memória que se me demora no coração, revisito-o e dali tiro estas coisas antigas. Mas sei pouco. Suspeito que talvez a mãe não soubesse quanto tempo deveria dar ao forno para que a cozedura ficasse bem feita. Quase adivinho, porém, que seria quando o pão impusesse a sua força e cá fora tudo se inebriasse de perfume e recendesse a pão fresco, pão quente, pão abundante, farto, saciante, maravilhosos, deliciosos. Digno de celebração. O que quero dizer é que a mãe não abria a boca do forno só porque sim. Abria-a, sim, providente, como quem

testava. E, então, nós aproximávamo-nos – «*Chegai-vos para trás, que isto queima-vos!*» –, impetrava-nos ela, protegendo-nos, enquanto se fazia difícil e nos tentava afastar. Dizia eu que, pequerrichotes, logo nos aproximávamos da boca do forno, fiados de que uma bola pronto sairia para ser devorada pelas três boquitas lambareiras. Sim, eu desconfiava que, a meio, a mãe abriria o forno para nos presentear, por antecipação; mas não. Cuido agora que não; não mesmo. Seria mais para testar a cozedura, para ver se o pão estava no ponto. Para não o deixar queimar. Cuido que era mais isto, sim. Sim, agora que mais me assediam as saudades daquela rescendência, eu tenho a certeza que a mãe não abria o forno sem mais, que o segredo todo era manter o calor preso junto ao pão, amaciando-lhe a alma, convidando-o, animando-o a crescer. Tenho bem a certeza disso: o forno não é nunca para abrir a destempo nem descuidadamente. Abrir muito, naquele caso, é perder.

Se alguém que isto ler tem a feliz dita de viver nalguma dessas venturosas terras, onde ainda se amasse e coza o pão em forno caseiro, confirme-me, por favor, que é assim.

Eu juraria que, sim, é.

A verdade é que todo o forno tem o seu quê de indecifrável, menos para as mulheres antigas da minha terra. Mas o ponto em que te quero fixar e prender, leitor, leitora, é este: o forno é tão sagrado quanto o lume. Depois que ali se depõe a massa, tudo ali jaz naquele ventre quente que faz da massa o que bem quer – pão bom, entenda-se, desta ou daquela forma, mas sempre bom, sempre feliz.

Tu, leitor, que me lês, inadvertido ou não, lembra: enquanto o pão coze, o forno não é de abrir. Quando muito entreabre-se uma vez – uma só vez! –, que toda a energia do fogo é para guardar e proteger.

Regresso donde talvez jamais não devesse ter saído, para redizer que nomear é um mistério; e que por sugestão dum amigo e duma amiga nomeei este livro quarto da *Claustro* como *O Centro do Claustro*. Foi a ideia

de *centro* que me trouxe à memória a de *forno*, em pós o que me lembrei da arte de amassar o pão.

Pode um claustro, a *Claustro*, ser um forno? Pode, porque não? É certo que um claustro, pelo geral, pelo menos nas nossas amenas terras, é aberto. E o forno enquanto coze, não. Mas, para mim, e não só, a *Claustro* é o lugar donde na nossa Província de Carmelitas Descalços tem saído pão muito bom!

Animando, solicitando, pedindo fervorosamente, às vezes, ressuplicando – mendicante eu sou, eu seja sempre! – todas as madrugadas de terça-feira temos tido pão fresco para dar, para saciar os filhos que nos cirandam em volta, os que andam pelo longe do lar, tantos filhos, os amigos dos filhos, tantos, tantos filhos, os que apenas são amigos, os que hão-de sê-lo, os que precisam de pão, os que querem do nosso pão.

A *Claustro* é feita por Carmelitas Descalços: por irmãs de clausura, por seculares, por frades; e, de quando em vez, pelo concurso de alguns amigos que por entre nós peregrinam.

Usamos em nossa casa uma indelével marca d'água: a interioridade, o doce convívio no castelo interior, no profundo centro da alma. É do interior desse forno imenso e intenso que apenas entreabrimos de quando em vez, que nos sai o pão bom dos nossos textos que semanalmente publicamos em www.carmelitas/claustro.

É desde há quatro anos que, deste modo, anunciamos por cima dos telhados esse perfume de pão fresco que nos habita e preenche o interior das nossas vidas corridas e apressadas. Quatro anos ao longo dos quais em *modo forno*, os cliques das nossas almas levam semanalmente a *Claustro* às selvas tropicais e aos desertos, às neves eternas e à solidão das grandes cidades, às camas dos hospitais, aos gabinetes dos decisores, às gares dos comboios e ao refúgio dos nossos lares. Que assim continue a ser, pois que a fome de interioridade, de perfume e de testemunho cristão, existe, persiste, e vem crescendo por aí acima.

Sou, por isso, imensamente agradecido aos meus Irmãos e Irmãs Carmelitas Descalços de Portugal que, de tempos a tempos, ao longo de cada ano pastoral, vão abrindo o forno do seu coração, e a nós, e a tantos, nos cobrem de pão, de perfume e com as rosas dos seus textos. Amassar é duro. Tomar uma medida ou duas de letras, de palavras, de conceitos, e cozer uma fornada de parágrafos saborosos é exigente. É pesado. Obriga a pensar. Obriga a tentar dizer pelo melhor. Cansa. Mas também não existe nada melhor do que ver os filhos saciados!

Estes textos que publicamos neste *O Centro do Claustro* são caros, são-nos muito queridos! Oh, e como eu os agradeço aos Carmelitas que os escreveram, aos leitores que os lerem e a Deus que nos inspira e é o inteiro Fogo que nos aquece! Afinal, isto que fazemos e distribuímos em forma de pão é para quem nos ler e por Deus que nos anima.

Desculpem se me desvio do que vinha dizendo ou me engano, mas andamos todos muito atarefados, muito cansados. Todos, todos. Sim, é verdade. Mas cansada ou não, a chorar ou não, doente ou não, a mãe amassava pão de quinze em quinze dias, porque a sua responsabilidade era dar-nos pão para que medrássemos! E, meu Deus, quero que o saibas: carinho e pão nunca faltarão em casa de Teresa e João. Carinho e pão nunca faltarão na *Claustro*. Obrigado a todas, obrigado a todos pelo vosso tão terno jeito de mãe cuidadosa e serviçal. Obrigado, porque sei que é do fundo do vosso coração, desse pequeno forno, desse sacrário das vossas almas que saíram estes textos que agora se editam em livro, e por existir, pelo menos mais uma farta taleiga de outros tantos que só se publicaram *online*.

Em Lucas 19:5 lemos uma demanda de Jesus dirigida a Zaqueu, publicano e pecador: «Hoje devo ficar *em tua casa*» – em tua interioridade, assumo eu; donde concludo e retiro que também na casa dos pecadores Ele mora. Pode ser que apenas esteja ali muito quietinho e calado. Pode que sim, mas enfim, o que agora quero eu dizer é que as palavras aqui ditas e reditas por tantos Carmelitas Descalços, e assinadas por cada um de nós,

podem muito bem encontrar leitores melhores que nós, melhores, mais capazes e mais santos. Mas estas são nossas, saíram de nós, do nosso interior, e daqui achegam-se aos olhos dos leitores e aos corações, advindas do convívio e do diálogo, mais ou menos assertivo, mais ou menos advertido, mas sempre diálogo com Jesus. No profundo centro do forno de cada um de nós.

Este livro é, pois, pão; e perdoe-se-me o exagero: é *pão de Deus!* É *pão por Deus!* Obrigado a quem o preparou, a quem o distribui, a quem o recebe, a quem no-lo pede, a quem dele se sacia, a quem o recomenda. Partilhámo-lo com a melhor das boas vontades. Disponham sempre, porque apenas nos sentimos obrigados a partilhar do calor da abundância que Deus nos deu.

Quando atrás falei do modo de minha mãe cozer pão, lembrei que ela cozia não apenas pão, mas também bolas: disse que eram achatadas, omiti que eram redondas. Mas isto é de somenos. O bom, bom, é que sobre a massa das bolas a mãe assava ou sardinhas ou carne de porco. Nem sempre era assim, era quando a mãe podia ou entendia. Apenas algumas vezes, portanto. Por ser menos vezes e por ser crismado de conduto, esse pão mais pequenino era naturalmente bem melhor que o outro.

É este o pão que carinhosamente hoje oferecemos pela quarta vez aos leitores da *Claustro*.

Bom proveito. (^)

Apresentação: A interioridade, o meu país <i>João Costa</i>	8
---	---

CASA COMUM

Santa Teresa, São João da Cruz e os ODI's – Ideias para o Novo Ano <i>Teresa Eugénio</i>	16
A desventura de algumas plantas migrantes: de bem-vindas a invasoras <i>Nicole Vareta</i>	19
A porta branca e o abraço do Pai <i>Verónica Parente</i>	26
A esperança do Natal <i>Júlio Pereira</i>	32
A família, entre a memória e a esperança <i>Joaquim Teixeira</i>	35

CULTURA

Violência ou Paz: compromisso com a vida ou com a morte? <i>Helena Castro</i>	41
Mysterium Cordis <i>Alexandra Lisboa</i>	47
Será possível, hoje, a multiplicação do pão? Dois apontamentos e uma reflexão <i>Filipe Baio</i>	53
Peregrinação e descoberta em <i>O Cavaleiro da Dinamarca</i> <i>José Manuel Reis</i>	65
Crónica para daqui a um século <i>João Costa</i>	71

DESAFIOS

A Sabedoria preparou a mesa <i>Irmã Sofia da Cruz</i>	83
A esperança na construção dum futuro com propósito <i>Maria Alexandra d'Araújo</i>	89
A Inteligência Artificial: risco-benefício <i>Gustavo Borges</i>	92

O Silêncio na Tradição Mística: De Pseudo-Dionísio a São João da Cruz	
<i>Nuno Henriques</i>	96
Teresa de Lisieux e o desafio da Esperança	
<i>Manuel Reis</i>	100

ESPIRITUALIDADE

O desespero do coração fechado <i>Rui Guerra</i>	107
Minha Mãe, a Virgem Maria <i>Isabela Neves</i>	121
Eternidade começada <i>Isabel Carreira</i>	124
Irmã Lúcia – o dom de si <i>Branca Paúl</i>	126
Quando me olvido de Ti, meu Pastorzinho <i>Dina Louro</i>	130
<i>Mesmo que seja de noite</i> : Díptico espiritual sobre a esperança em São João da Cruz <i>João Carlos Vieira</i>	136

PERSPETIVAS

A esperança de Nossa Senhora <i>André Moraes</i>	151
<i>Spes non confundit</i> , a Esperança em São João da Cruz	
<i>Noé Martins</i>	157
A Noite Escura, hoje, ainda faz sentido? <i>José Alexandre Oliveira</i>	168
São João da Cruz: um coração perdidamente apaixonado pelo Amado ^o	
<i>Jonas Viana</i>	179

FERROLHO

Diálogo entre a Psicologia e a Espiritualidade <i>Carlos Gonçalves</i>	185
--	-----